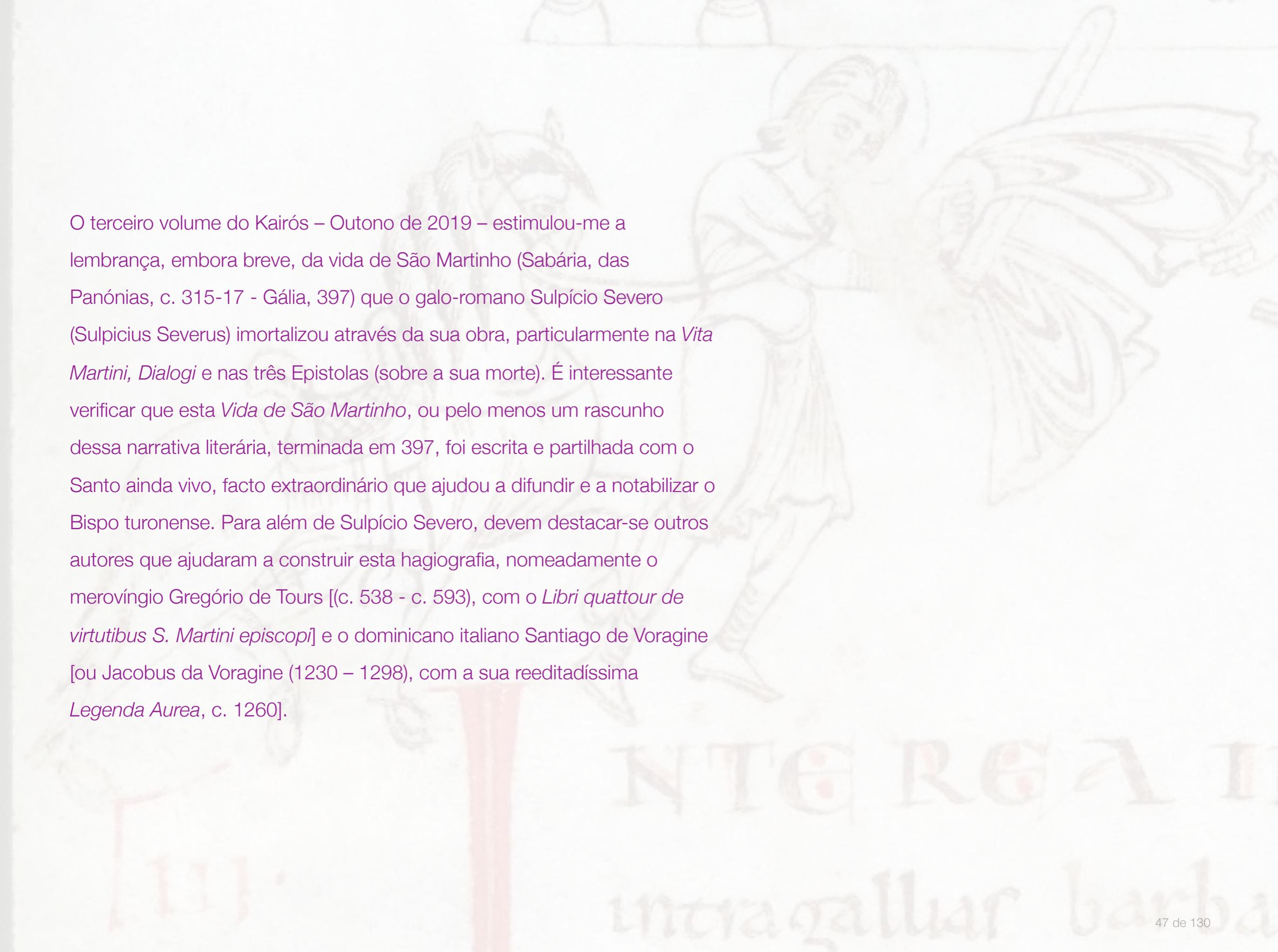


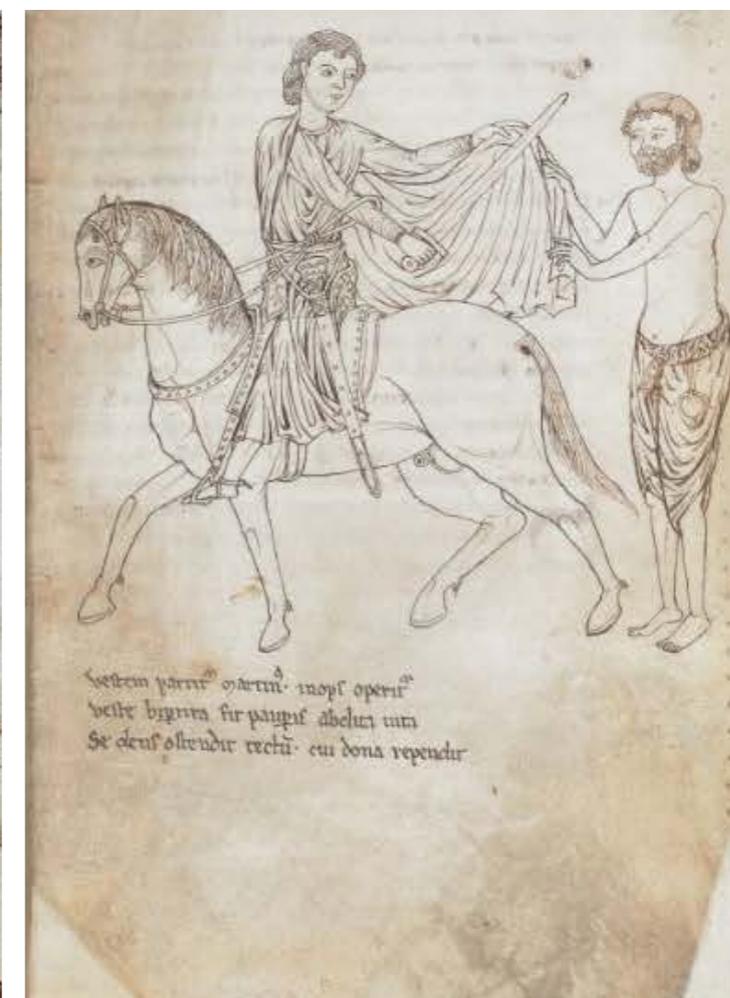


A caridade de *Sancti Martini* em Amiens

Carla Alexandra Gonçalves | Universidade Aberta | CEAACP/
FCT/UCoimbra



O terceiro volume do Kairós – Outono de 2019 – estimulou-me a lembrança, embora breve, da vida de São Martinho (Sabária, das Panónias, c. 315-17 - Gália, 397) que o galo-romano Sulpício Severo (Sulpicius Severus) imortalizou através da sua obra, particularmente na *Vita Martini*, *Dialogi* e nas três Epístolas (sobre a sua morte). É interessante verificar que esta *Vida de São Martinho*, ou pelo menos um rascunho dessa narrativa literária, terminada em 397, foi escrita e partilhada com o Santo ainda vivo, facto extraordinário que ajudou a difundir e a notabilizar o Bispo turonense. Para além de Sulpício Severo, devem destacar-se outros autores que ajudaram a construir esta hagiografia, nomeadamente o merovíngio Gregório de Tours [(c. 538 - c. 593), com o *Libri quattuor de virtutibus S. Martini episcopi*] e o dominicano italiano Santiago de Voragine [ou Jacobus da Voragine (1230 – 1298), com a sua reeditadíssima *Legenda Aurea*, c. 1260].



Da esquerda para a direita:

Fig. 1 - *Martinellus de Tours*, início do século XI, Tours, Bibliothèque Municipale, MS. 1018 (pormenor), fl. 003. Online em: <http://initiale.irht.cnrs.fr/codex/4480>.

Fig. 2 - *São Martinho dividindo a capa com o mendigo*, c. 1200: Add MS 15219, f. 12r, (digitalizado pela The Polonsky Foundation England and France Project). Online em: http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Add_MS_15219



Da esquerda para a direita:

Fig. 3 - *São Martinho Misericordioso*, «Images de la vie du Christ et des Saints», c. 1250-1300. Bibliothèque Nationale de France, Département des Manuscrits. NAF 16251, fl. 89 r.

Fig. 4 - Maître de Fauvel Enlumineu, *Légendier* [c. 1320-27]. Bibliothèque Nationale de France. Département des Manuscrits, Français 183, fl. 172. Online em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b90590274/f172>

Fig. 5 - Santiago de Voragine, *Legenda Aurea*, tradução francesa de Jean de Vignary, c. 1404. Bibliothèque Nationale de France, Département des Manuscrits, Français 414, fl. 366 r. Online em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8451616p/f735.item>

É sabido que Martinho pertencera ao exército romano, cumprindo a tradição familiar que assim o impunha, mas desde cedo ambicionava a vida ascética, recebendo o baptismo depois da famosa passagem por Amiens. Anos volvidos, Martinho dá origem a uma comunidade mística em Ligugé (perto de Poitiers) e, mais tarde, já em 371, é elevado a Bispo de Tours, fundando, um ano depois, o mosteiro de Marmoutier que abre ao monaquismo ocidental.

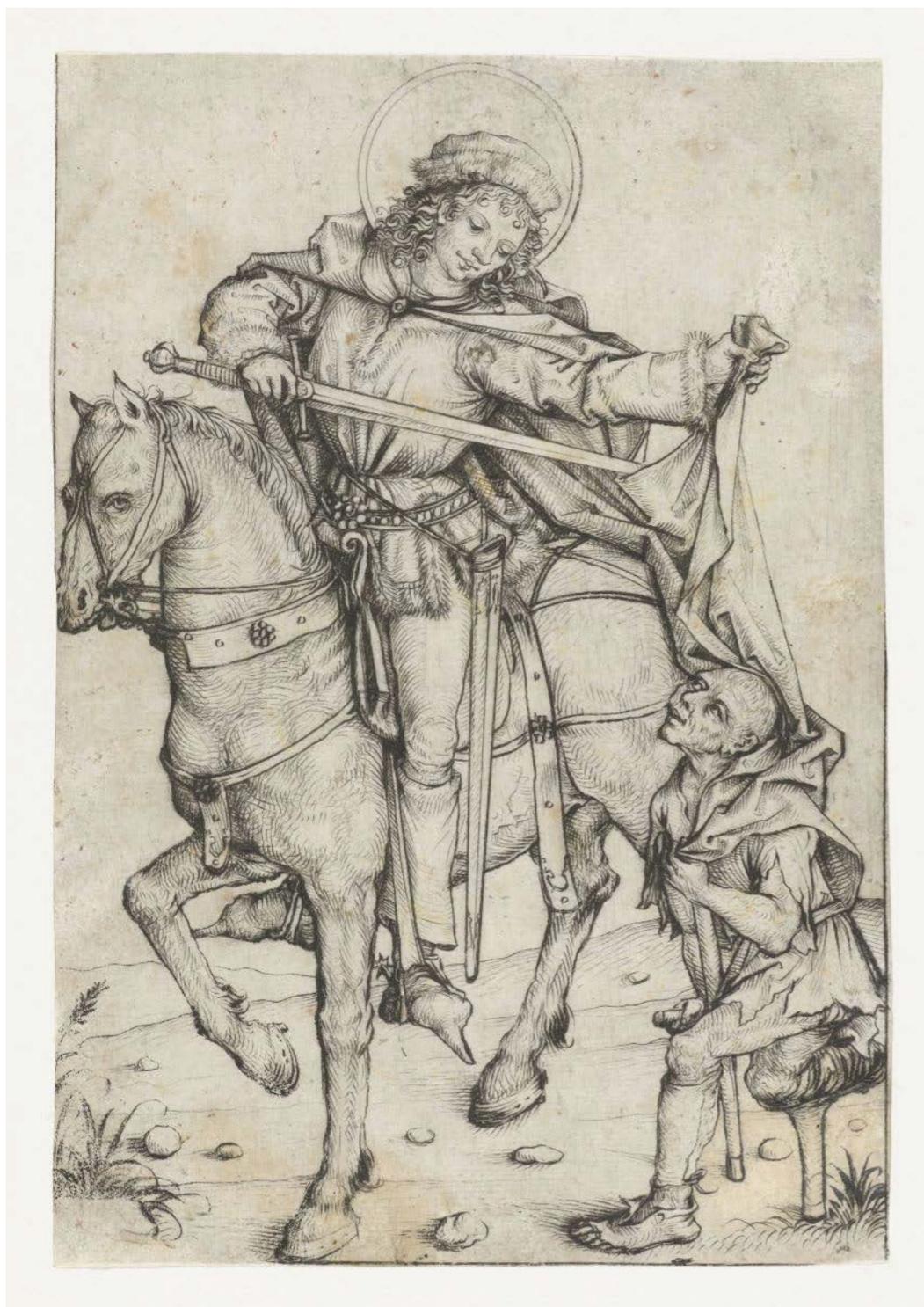
No decurso da sua longa vida, Martinho dedicou-se à oração e à evangelização, partilhando a meditação solitária (*fuga mundi*) com a acção. Aliás, a vida de São Martinho reflecte continuamente esta luta, ou o confronto entre a vida activa e a vida contemplativa – soldado e asceta, Bispo e monge – que o posiciona correctamente no lugar que cumpre aos sábios, conforme a Platão e a Aristóteles (a relação entre o *bíos theoretikós* e o *bíos politikós*), entre tantos outros que influenciariam o pensamento de então, como o seu contemporâneo Santo Agostinho de Hipona.

São atribuídos vários milagres ao Bispo de Tours, como curas e ressuscitações, que ilustram a sua prodigalidade, a sua relação directa com o Espírito, que lhe permite

ressurgir continuamente no sentido da verdadeira Vida, para além de o legitimar como um de entre os que detêm poderes restauradores, extramundanos e taumaturgos, como Elias, ou como o próprio Cristo, estimulando a devoção.

No final da sua vida terrena, Martinho defrontar-se-á com o diabo, ainda que este não seja o primeiro encontro, porque em todos os confrontos com os hereges, porque nas várias esquinas do seu percurso, nas curas e nos exorcismos, estiveram ambos presentes.

Interessa recuar ao episódio passado num Inverno extraordinariamente frio e mortífero, em Amiens (então Samarobriua). Passando junto a uma das portas da cidade, Martinho viu um mendigo a quem ninguém atendia. Por esses tempos, conforme às palavras de Sulpício Severo, Martinho não possuía quase nada, para além das armas e das vestes militares. Por não poder acudir de outra forma, o soldado rasgou a clâmide ao meio com a espada, doando metade ao pedinte e cobrindo-se com a outra. Os que assistiram à cena, ora se riram, ora se comoveram. Na noite seguinte, durante o sono, Martinho sonhou com Cristo, na figura do mendigo.



Da esquerda para a direita:

Fig. 6 - Meester van het Amsterdamse Kabinet, *St Martin*, c. 1475-80, 19 x 13 cm, Rijksmuseum, Amesterdão.

Fig. 7 - Anónimo, *São Martinho e o Mendigo*, c. 1490. Hungarian National Gallery, Budapest, Hungria. © Google Art Project

É este o passo da vida de São Martinho que fez fortuna na iconografia cristã: a *caridade de São Martinho em Amiens* (ou *São Martinho Misericordioso*). Grande parte das obras de arte que representam este momento fazem-no com Martinho a cavalo, voltado para trás, a cortar a capa que o mendigo recebe nas traseiras (ou ao lado) do animal, como se não tivesse acontecido um cruzamento entre os sujeitos, mas o recuo de São Martinho que alterou o seu trajecto para atender ao pedinte (figs. 1 a 7). Em menor número são as representações do Santo em pé, oferecendo a capa ao esmolo (figs. 8 a 10), bem como as que mostram Martinho a cavalo a cruzar-se frontalmente com o mendigo (figs. 11 a 13).



Fig. 8 - Martin Schongauer, *St Martin*, c. 1475-90, 15,4 x 10,4 cm, Rijksmuseum, Amesterdão.



Fig. 9 (esta página) - Master of Uttenheim, *São Martinho de Tours e São Nicolau de Bari*, c. 1475. Art Gallery of Soud Australia. © Google Art Project.

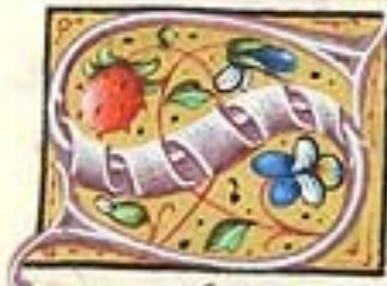
Fig. 10 (página seguinte, à esquerda) - *Missal*, France, Tours, c. 1500. M. 495, fl. 144 r. © The Morgan Library & Museum.

Fig. 11 (página seguinte, à direita, em cima) - *Caridade de São Martinho*, século XII. Portal sul da Catedral de Chartes, França.

Fig. 12 (página seguinte, à direita, em baixo) - *Retábulo de São Martinho* (pormenor), finais do século XV, Igreja paroquial de St. Martin, Geisenhausen, Alemanha.

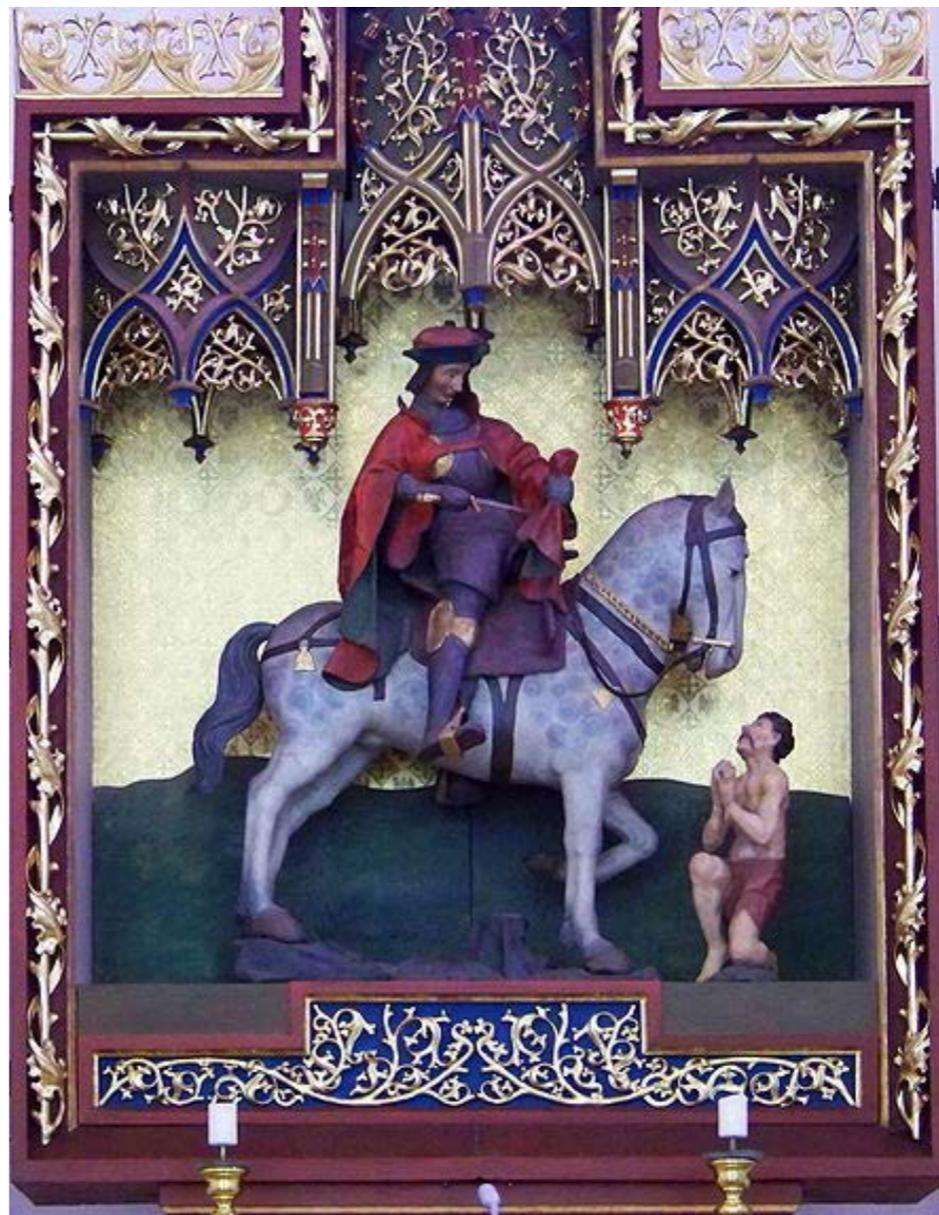


In die sancti martini tu
ronenū archiepi. Jutrois?



Catuit ei dñs
testamentum
piceis et punci

pen fecit eum ut sit illi sa
cerdru dignitas veteru



Reserve-se agora um espaço à representação da *Caridade de São Martinho em Amiens* que se guarda na Sacristia da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Celas em Coimbra (figs. 13 a 16). Trata-se de um relevo calcário datável dos anos 40 do século XVI que tem vindo a ser atribuído a João de Ruão – e ainda que este texto não pretenda debater a autoria deste trabalho, cumpre dizer que não será seguro manter a atribuição por motivos estritamente formais.

A *Caridade de São Martinho* integra-se num retábulo e constitui-se como um caso que, por vários motivos, merece redobrada atenção. Desde logo porque esta obra clama por uma urgente e profunda intervenção de salvaguarda e de restauro, por estar quase a separar-se da parede de suporte, para além de ter já perdido parte da pedra do entablamento superior, entre outros problemas físicos e estruturais muito relevantes que a colocam em perigo. Depois, porque a iconografia deste retábulo é intrigante, uma vez que na segunda andaina da peça se representa O *Martírio de São João* (mergulhado em azeite fervente) ladeado por *São Jerónimo* e *Maria Madalena*. É difícil entender esta

combinação iconográfica que não é vulgar e que, na realidade, exprime duas narrativas que não dialogam. Ainda assim, tanto a matéria-prima, quanto o desenho, as dimensões dos dois registos (que podem ter sido emendadas), os fundos, a envergadura das personagens e, especialmente, a tinta (marcada nas várias camadas que necessita de reparo físico), acabam por unificar visualmente este conjunto que não foi realizado pelas mesmas mãos de artista.

Ultrapassando estes problemas, ligados com as autorias e com os vínculos iconográficos das andainas do retábulo, que, por sua vez, pode ser o resultado de uma recomposição que decorre da fusão de um trecho do antigo, desmantelado e desaparecido retábulo de São João Evangelista (encomenda da Abadessa Maria de Távora) e de outro ainda por identificar (proveniente de uma anterior capela de São Martinho do próprio Mosteiro?, ou proveniente da desaparecida ermida coimbrã de São Martinho em Eira de Patas?), olhe-se agora, e apenas, para o quadro inferior.



Fig. 13 - Retábulo de São João Evangelista e São Martinho, c. 1540, Sacristia da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Celas, Coimbra. © Carla Alexandra Gonçalves



Fig. 14 - *A Caridade de Martinho em Amiens*, Sacristia da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Celas, Coimbra. © Carla Alexandra Gonçalves.

Fig. 15 (página seguinte) - Pormenor. © Carla Alexandra Gonçalves.





Fig. 16 - Pormenor.
© Carla Alexandra Gonçalves

O relevo da *Caridade de São Martinho em Amiens* representa o Santo a cavalo, virado para o mendigo, a cortar a clâmide que o pedinte agarra para com ela se agasalhar. Ao fundo e à direita apresenta-se uma fachada de um edifício de três andares ladeada por uma torre circular e, à esquerda, sobre a paisagem rochosa, pode ver-se, num relevo muito ténue, o sonho de São Martinho (fig. 16). Trata-se, por vários motivos, de um desenho curioso e relativamente invulgar para Portugal, na medida do cruzamento das personagens (que se afrontam) e porque o quadro encerra os dois momentos relacionais: a divisão da veste e o sonho com Jesus Cristo envergando a clâmide. Estes dois passos ali representados comunicam uma

certa *mutilação* – pois a clâmide possui um elevado valor simbólico em contextos militares – que anuncia a *ruptura* de Martinho quando efectivamente sai do exército, para dedicar-se à vida ascética. Dividindo a clâmide, Martinho ainda não se entregara por inteiro à vida espiritual, fenómeno que ocorreria mais tarde, depois do baptismo e quando completamente abnegado e em Cristo. Este corte, acompanhado do sonho, simbolizará uma etapa de transformação, porque Martinho abandonará a milícia terrestre, para entrar na milícia de Cristo. E é em Amiens que o fenómeno modificador – traduzido no corpo abandonado ao frio através da acção da partilha, e no espírito devoto ao Outro que também é Deus – se manifesta.

A aparição de Cristo a São Martinho conforma uma revelação privada e pública. O carácter da primeira revelação assoma através da presença de Cristo. Já a revelação pública denota-se através da exposição de que o sentido real da espiritualidade (bem como o da fortuna do mundo celestial) reside na acção dos homens de boa vontade, como São Martinho. São as obras terrenas, e não as palavras que possamos proferir, que enraízam os sentidos do divino.

Vestindo a quem precisa, a Mim me vestes.

É com este sabor humanista, solidário e fraterno, é com este olhar de frente para o próximo e através de pequenos (que são grandes) gestos benignos, que deveria fazer-se a humanidade, ou o conjunto de todos os homens que constroem, através das suas acções, mais do que por meio de palavras vãs, o mundo onde (todos) vamos habitando. Aqui, Martinho não recua depois de cruzar-se com quem dele necessitava, avançando com a partilha antes mesmo de pensar nela. É um gesto impulsivo, uma resposta imediata e pura, ou uma acção dirigida pelo corpo íntimo, que Martinho demonstra no relevo de Santa Maria de Celas e que se afasta, ligeiramente, do hagiológico de Sulpício, que relata a hesitação do jovem soldado, naquela noite fria da ronda em Amiens.

Vestindo a quem precisa, a Mim me vestes.